

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

DO OUTRO LADO DO ESPELHO

29 de Agosto de 2022

ALICE IN WONDERLAND / 1951

ALICE NO PAÍS DAS FADAS

um filme de WALT DISNEY

Realização: Clyde Geronimi, Hamilton Luske, Wilfred Jackson *Argumento:* Winston Hibler, Ted Sears, Bill Peet, Erdman Penner, Joe Rinaldi, Milt Banta, William Cottrell, Dick Kelsey, Joe Grant, Dick Huemer, Del Connell, Tom Oreb, John Walbridge e Aldous Huxley (não creditado) a partir de *Alice's Adventures in Wonderland* e *Through the Looking Glass*, de Lewis Carroll *Montagem:* Lloyd L. Richardson *Música original:* Oliver Wallace *Animação:* Wolfgang Reithermen (*realização*) *Efeitos Visuais:* Blaine Gibson, Ub Iwerks, Dan MacManus, Joshua Meador, George Rowley *Interpretação:* Therezinha (Alice), Otávio França (Chapeleiro Maluco), Wellington Botelho (Lagarta), José Vasconcelos (Gato Risonho), Orlando Drummond (Lebre de Março), Sara Nobre (Rainha de Copas), Túlio Bertti (Tweedle-Dum), Apolo Correia (Tweedle-Dee), Almirante (Dodo), Dink Trout (Rei de Copas), Sonia Barreto (Irmã de Alice), Hamilton Ferreira (Foca) (*vozes da versão brasileira, cuja dobragem foi supervisionada por* Gilberto Souto, João de Barro, Vinícius de Moraes).

Produção: Walt Disney Productions (Estados Unidos, 1951) *Produtor:* Walt Disney *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, versão dobrada em português do Brasil, 74 minutos *Estreia Mundial:* 26 de Julho de 1951 *Estreia comercial portuguesa:* 20 de Dezembro de 1951, no cinema Politeama *Reposição comercial portuguesa:* 18 de Abril de 1973 *Primeira exibição na Cinemateca:* 18 de Janeiro de 2010 ("Entrar no Labirinto").

AVISO

A cópia que vamos exibir, uma cópia da época da reposição comercial portuguesa do filme, apresenta sinais de desgaste, designadamente riscos ligeiros no suporte, alguma perda das características cromáticas originais e um ruído de fundo constante.

2010 foi o ano da mais recente versão do clássico da literatura inglesa de Lewis Carroll, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, por Tim Burton. A primeira de que há rasto data de um pouco mais de um século antes e foi realizada em 1903 por Cecil Hopworth. A de Walt Disney, esta, produzida nos anos 1950, é a mais famosa. É dela o rosto animado da Alice que lembramos quando lembramos *Alice no País das Maravilhas*, o Chapeleiro Maluco, a Lagarta, o Gato Risonho, a toca do coelho branco atrasado em que Alice cai, os cogumelos que a fazem crescer e diminuir à velocidade de uma dentada, os números psicadélicos de dança na floresta, o ritual do chá, a fuga à Rainha de Copas e ao naipe de cartas do seu exército pelo labirinto... "*There's no use trying,*" *she said. "One can't believe impossible things. ...Why, sometimes I've believed as many as six impossible things before breakfast."*

Não há provavelmente ninguém que não reconheça pelo menos, pelo menos, uma destas alusões. *Alice*, a história da menina que caindo na toca de um coelho com pressa cai num antropomorfizado mundo de fantasia e cujo enredo tem as entrelinhas das regras da lógica (Carroll ensinava matemática em Oxford), é um dos mais populares contos infantis de sempre, o mais clássico exemplo da literatura "nonsense". Walt Disney escolheu filmar a sua versão de *Alice no País das Maravilhas* na grande época do seu estúdio de animação, a época de *Cinderella*, *Peter Pan*, *A Dama e o Vagabundo* e *A Bela Adormecida* (títulos mais populares do que *Alice*, apesar do apelo das histórias de Carrol e do encanto dos traços dos desenhadores do estúdio). E assim ficou, *Alice in Wonderland* ou *Alice no País das Maravilhas*, adaptado da mais extensa formulação original de Lewis Carroll (*Alice's Adventures in Wonderland*) cuja versão oficial em português varia livremente dando a Alice não *um país de maravilhas*, mas *um país de fadas*. Do rasto que se conhece, sabe-se que o primeiro contacto de Disney com

a fábula de Lewis Carroll data dos anos 1920, através da série *Alice in Cartoonland* e que, antes de 1951, várias vezes encarou dedicar-se ao projecto. Duas delas chegaram a ser notícia, com o estúdio a deixar transpirar a informação de negociações com Mary Pickford e mais tarde com Ginger Rogers (em 1933 e em 1945, num filme que combinasse animação e acção real). A decisão de uma produção de animação terá sido tomada em 1946. Como Cinderela, como a Bela Adormecida, e como Peter Pan, e como Branca de Neve e os seus sete anões, Pinóquio e Bambi, (filmados pela Disney em finais dos anos 1930 e nos anos 1940), Alice seria um desenho animado.

Walt Disney deixou um testemunho escrito sobre as dificuldades desta adaptação ao cinema, adiantando três ordens de razões e discorrendo sobre as soluções encontradas. O texto chama-se “How I Cartooned Alice It’s Logical Nonsense Needed a Logical Sequence”. As três ordens de razão apontadas como justificativas dos “mais formidáveis problemas que já enfrentámos transpondo um clássico da literatura para o meio da animação”, prendem-se com: 1) o evidente interesse de Carroll pelos meandros fantásticos das ideias que explorava nas suas duas histórias (*Alice’s Adventures in Wonderland* e *Through the Looking Glass*) em detrimento da importância atribuída às regras do suspense e à estrutura narrativa; 2) a imensa proliferação de personagens e as suas erráticas presenças na história em que entram e saem ignorando as leis do teatro; 3) conseguir condensar a história num filme de duração razoável para um público infantil. Ou seja, foi a estrutura episódica e fantástica de *Alice* que colocou problemas à adaptação ao cinema. Disney exprimiu-o bem: “não há muitas obras-primas de *non sense* lógico no mundo, e nenhuma que remotamente se aproxime do clássico de Lewis Carroll”.

Tal como as explicita nesse texto, Disney lidou com as felizes dificuldades (expressão nossa), agrupando algumas das personagens originais, reorganizando alguns dos seus episódios, concentrando o diálogo e ocupando-se em manter o sabor de Carroll (expressão dele). Os seus argumentos são detalhados e exemplificados, o que permite uma boa (e sumarenta) compreensão histórica e técnica desta adaptação de *Alice*. Lembremos aqui apenas como, neste caso, e ao contrário do que sucede noutros dos seus filmes de animação, *Alice* não abre com a imagem das páginas de um livro que se folheia, abre sobre a imagem do Big Ben e, quando a câmara dela recua deixando nesse primeiro plano marcada a importância do tempo nesta história, fixa-se na leitura de uma lição de História a Alice pela sua irmã mais velha. Ao ar livre, a irmã lê à sombra da árvore em cujos ramos Alice se espreguiça e distrai, mais do que ouve. Em vez de guiada pela história, Alice deixa-se ir para onde a imaginação a leva. Como o livro de Carroll, o filme de Disney é a crónica desse mergulho na fantasia, um mergulho literalmente figurado pela queda, de cabeça, na toca do coelho. A vertigem é a de um sonho – a história corresponde a um sonho de Alice, como no fim se verá –, e sendo uma vertigem e um sonho de uma menina equivale à entrada num mundo “só dela”. Cada episódio, cada encontro de Alice com uma criatura da sua imaginação, revela o poder infinito da fantasia, raras vezes totalmente apaziguada, muitas vezes conduzida, ou a fazer tropeçar, por, ou em, enredos de susto. As histórias infantis (pelo menos as boas, clássicas histórias infantis) não são isentas de medos nem de papões. A de Alice é condimentada pela irracionalidade da vertigem. A que o raciocínio da lógica troca certamente as voltas, mas para o decifrar, seria preciso recomeçar o texto e seguir outras pistas. Não se ouvisse o tiquetaque do relógio do coelho branco...

Maria João Madeira